



Marcos Santos/USP Imagens

**A Difel e a Coleção Corpo e Alma do Brasil:  
princípios para a construção de uma  
brasileira universitária (1957-1964)**

*Fabiana Marchetti*



## resumo

O artigo apresentará a *Corpo e Alma do Brasil*, coleção publicada pela editora Difusão Europeia do Livro (Difel) sob a direção de Fernando Henrique Cardoso, a partir de 1960. Por meio de seus primeiros lançamentos, analisaremos como as condições culturais e materiais para a produção editorial em São Paulo favorecem as elaborações da intelectualidade local sobre temas relevantes para os projetos de nação discutidos no período. O levantamento do catálogo e os paratextos das edições serão a base da discussão e permitirão identificarmos as referências que conectam o projeto com o referido contexto político-intelectual, definindo-o enquanto uma brasileira universitária. Desta maneira, demonstraremos como os modelos e cânones construídos pela edição brasileira se ressignificam ao absorver e impulsionar novas comunidades de autores e seus posicionamentos no debate público.

**Palavras-chave:** Difel; edições universitárias; USP; brasileira; pensamento brasileiro.

## abstract

*The article will present *Corpo e Alma do Brasil*, a collection published by the publisher Difusão Europeia do Livro (Difel) under the direction of Fernando Henrique Cardoso, from 1960's. Through its first releases, we will analyze how the cultural and material conditions for editorial production in São Paulo benefits the elaborations of local intellectuals on relevant topics to the nation's projects discussed in the period. The survey of the catalog and the paratexts of the editions will be the basis of the discussion and will allow us to identify the references that connect the project with the political-intellectual context, defining it as a university "brasileira". In this way, we will demonstrate how the models and canons constructed by the brazilian edition are given new meaning by absorbing and promoting new communities of authors and their positions in the public debate.*

**Keywords:** Difel; university editions; USP; brasileira; brazilian thought.

## TEMPOS DE REDESCOBRIR O BRASIL

**O**s anos 1950 inauguraram um novo ambiente político-intelectual para que o mercado de livros pudesse “editar o Brasil”. Após a derrocada do Estado Novo, que se combinava com a derrota do nazi-fascismo e a reorganização do bloco capitalista no plano internacional, a sociedade brasileira foi tomada pela perspectiva otimista de poder reconstruir a democracia e debater o desenvolvimento da nação. As polêmicas sobre os rumos a seguir ocorriam, no geral, sob uma hegemonia progressista (Ricupero, 2000, pp. 118-9) que institucionalmente se organizava entre o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)

e o Partido Social Democrático (PSD), nos quais estavam inseridos muitos membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) – colocado na ilegalidade em 1947. Nesta aliança de espectro amplo, seus integrantes pautavam a discussão de um futuro materialmente próspero e moderno, parte deles considerando também o combate às desigualdades.

As perspectivas de modernização da estrutura político-econômica eram acompanhadas por uma reorganização de sua superestrutura e, assim, para além dos partidos políticos que nutriam espaços de elaboração e intelectuais orgânicos, as disputas sobre o projeto nacional em questão foram produzidas e incentivadas por instituições de pesquisa. A mais emblemática

---

**FABIANA MARCHETTI** é doutora em História Econômica pela FFLCH-USP e autora de *Edgard Carone e a ideia de revolução no Brasil* (Ateliê Editorial).



expressão das elaborações desenvolvimentistas (Bielschowsky, 2004) foi o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), fundado em 1955, no Rio de Janeiro, e vinculado ao Ministério da Cultura; mas os debates pautados ali, bem como as críticas à perspectiva isebiana, encontrariam espaço na produção realizada em torno de algumas fundações, como a Fundação Joaquim Nabuco, criada no Recife em 1949, e nas universidades que se expandiam pelo país.

Ainda que tivessem orientações distintas, estas instituições conformavam um universo acadêmico que, aos poucos, se diferenciava do autodidatismo e bacharelismo dominante nos meios intelectuais brasileiros. Especialização, formação técnica e debate político permeavam os princípios teóricos e a intenção dos trabalhos realizados por seus membros, que, à medida de sua afirmação no debate público, dedicarão esforços para fazer circular suas ideias por meio de veículos de comunicação, da mídia impressa, dos periódicos especializados e dos livros.

Os referidos institutos e fundações mantiveram editoras ou, ao menos, selos de publicação, e as universidades criaram estruturas editoriais a partir dos anos 1960 (Bufrem, 2000; Deaecto & Martins, 2017). Em ambos os casos, contudo, essa produção intelectual que se avolumava teve de se apoiar por muito tempo nas iniciativas das editoras comerciais, que também viam nesse meio uma oportunidade para inovarem em seus catálogos. No caso da comunidade universitária, estas empresas serão fundamentais, pois a realização de teses e outros resultados de pesquisa inscritos nos ritos da instituição eram gêneros textuais novos para o mercado brasileiro e, ainda

que pudessem atrair leitores especializados dentro deste circuito, deveriam ser assumidos com certo risco de investimentos até se consolidarem como um nicho de consumo.

Nesta relação entre interesses comerciais, desenvolvimento das instituições intelectuais e renovação do pensamento brasileiro, situamos nosso ponto de partida para apresentarmos a *Corpo e Alma do Brasil*, coleção criada pela Editora Difusão Europeia do Livro (Difel) e dirigida por Fernando Henrique Cardoso, então professor assistente na cátedra de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP). Entendemos que o projeto foi concebido para inserir a USP, e principalmente o grupo de sociólogos, nos debates políticos, econômicos e sociais do período. Desta maneira, desejamos analisar sua formação e o perfil de publicações de seus primeiros anos, entre 1957-1964, para discutirmos as relações que articulam edição, política e história do Brasil.

## **A EDITORA DIFEL EM SÃO PAULO: OS LIVROS E A FORMAÇÃO DA METRÓPOLE**

A economia de guerra, entre 1939-1945, deflagrou uma onda de industrialização e crescimento dos centros urbanos no Brasil. Este processo, que atingiu sobretudo as capitais de estados, beneficiava e ao mesmo tempo exigia a produção de uma realidade material e simbolicamente correspondente ao ideal de modernização pensado por suas elites dirigentes, transformando estas áreas urbanas em verdadeiras arenas em disputa para a construção de metrópoles que repre-

sentariam modelos de um estilo de vida e de uma identidade para a sociedade brasileira (Peixoto & Gorelik, 2019).

Na cidade de São Paulo, vemos esta conjuntura se manifestar em diversas iniciativas e discursos de época, como nos apresenta o texto introdutório de um álbum de fotos publicado pela Editora Melhoramentos:

“[...] Situada num planalto de cerca de 800 metros de altura, levanta São Paulo as fachadas visionárias de seus gigantescos edifícios para os céus brasileiros. [...] Belas e caprichosas construções foram erigidas para a ciência e a cultura. O imponente colosso de cimento armado da Biblioteca Municipal encerra farta messe de selecionada literatura mundial. O Museu de Arte encanta o visitante com as suas instalações internas originalíssimas e perfeitamente adaptadas às suas finalidades, deitando a luz fluorescente, coada através dos tetos de vidro fosco, reflexos mágicos sobre as pinturas dos impressionistas. O Museu de Arte Moderna, cujas instalações obedecem aos mesmos princípios, também impressiona pelas suas valiosas coleções de pintura. Os teatros e casas de diversão são do tipo de cidade grande, estando a jovem e florescente indústria cinematográfica paulistana fadada a um grande futuro” (Melhoramentos, 1952).

Entre os símbolos do processo de metropolização, destacavam-se os equipamentos ligados à cultura e à instrução pública, pois, segundo o discurso oficial, estes espaços garantiriam o envolvimento da população com aquele projeto por constituírem vetores dos hábitos, dos meios de sociabilidade e da formação intelectual próprios da vida moderna (Arruda, 2015,

pp. 62-4). Situado à Praça Dom José Gaspar, o edifício da Biblioteca Municipal fora erguido como uma referência desse esforço de ampliação do sistema de ensino e do acesso à leitura, colocando os livros como bens culturais de protagonismo do desenvolvimento paulistano.

Ao seu redor, orbitavam diversas livrarias, concentradas nas principais ruas comerciais do Centro, por onde passavam diariamente trabalhadores, profissionais liberais e mesmo parte da elite paulistana que vivia em bairros próximos. Assim, a região central da cidade vivenciava uma dinâmica cultural que compreendia a expansão de seu público leitor, especialmente dos jovens estudantes e professores das escolas, faculdades e universidades instaladas ali. O último grupo trazia os ares de renovação destes meios intelectuais (Pontes, 1998), reivindicando para si uma identidade com a esfera simbólica construída na passagem da “cidade mente” para a “metrópole cultural” (Morse, 1970, pp. 409-16).

O lançamento da revista *Clima* em 1941, apoiada por Alfredo Mesquita, o proprietário da Livraria Jaraguá, representou uma das primeiras manifestações deste movimento, assim como a aproximação do livreiro-editor José de Barros Martins com os primeiros doutores titulados pela USP<sup>1</sup>. Essas iniciativas sinalizavam o potencial de crescimento das atividades

---

1 Nos anos 1940, o editor recrutou os universitários para realizar traduções, como em *O pensamento vivo de Rousseau*, de Romain Rolland e com trad. de J. Cruz Costa (São Paulo, Livraria Martins Editora, 1940); e também publicou algumas teses produzidas no âmbito da FFCL-USP, como o trabalho de Eurípedes Simões de Paula, *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade* (São Paulo, Livraria Martins Editora, 1946).

editoriais paulistanas, pois, além da dinâmica intelectual favorável, a cidade contava com uma infraestrutura produtiva relevante que a transformara no maior parque gráfico da América do Sul já no início dos anos 1940 (Hallewell, 2012, p. 540), e com a entrada massiva de investimentos em todos os setores de sua indústria cultural.

A Editora Difusão Europeia do Livro, fundada por Paul-Jean Monteil em 1951, surge em meio a essa realidade urbana:

“Enfim, a vida cultural era entre a Praça da República, a faculdade e esse miolinho das livrarias, e o Monteil era o dono da Livraria Francesa. Bom, como eu estou tentando dizer, era mais que uma livraria, era um centro de convívio. E a abertura pra você saber o que está acontecendo no mundo. Nessa época, a predominância do francês era muito grande. Na faculdade as aulas eram dadas em francês [...]” (Cardoso, 2019).

Fernando Henrique Cardoso relembra a referência de Monteil nos circuitos do centro novo paulista quando fundou a sua editora. Sua primeira empresa no mercado livreiro, a Livraria Francesa (1947), atraía o corpo discente e docente da FFCL-USP<sup>2</sup>, apresentando-se como um espaço acolhedor para que se reunissem e criassem relações a partir da principal referência estrangeira

na formação da faculdade. Aproveitando-se de seu capital econômico e simbólico como livreiro, ele podia visualizar um horizonte de atuação no mercado editorial, como já faziam muitos de seus concorrentes, absorvendo os efeitos decorrentes do amadurecimento dos primeiros “frutos da universidade” (Arruda, 2017, p. 177).

De início, os universitários trabalharam nas traduções que estruturaram o catálogo da Difel, com destaque para dois projetos originalmente publicados pela Presses Universitaires de France: as coleções Saber Atual e História Geral das Civilizações<sup>3</sup>. E não tardou para que a colaboração se aprofundasse e se desdobrasse em publicações diretamente produzidas pela comunidade uspiana.

A primeira obra autoral de estudos brasileiros que a Difel publicou, no ano de 1957, foi *Novos estudos de geografia humana brasileira*, de Pierre Monbeig, um livro que não possuía nenhuma referência, estética ou paratextual (Genette, 2018), de que integraria algum projeto específico para a editora. Uma segunda publicação com características similares é lançada em 1959: *Brasil, terra de contrastes*, de Roger Bastide. Ambos os autores eram professores franceses que haviam lecionado na FFCL-USP e construído referência em suas cátedras. Bastide foi aquele que provavelmente mais se sobressaiu na liderança de uma “escola” de pensamento (Arruda, 2015, p. 176) e não é à toa que a obra em questão irá anun-

---

2 A FFCL-USP funcionou em vários endereços entre 1933 e 1949 – o principal foi a Escola Normal Caetano de Campos, na Praça da República. Depois mudou para a Rua Maria Antônia, 294, Edifício Rui Barbosa, onde permaneceu até 1969. Nesses locais, a faculdade integrou o circuito cultural do centro novo de São Paulo, próximo à Barão de Itapetininga.

---

3 A Saber Atual [Que sais-je?], coleção de bolso criada pelo editor Paul Angoulvent, em 1941, foi traduzida pela Difel a partir de 1954; História Geral das Civilizações [Histoire Générale des Civilisations], dirigida por Maurice Crouzet, criada pela PUF em 1953, foi publicada pela Difel a partir de 1955.

ciar a coleção que nos interessa, a *Corpo e Alma do Brasil*, em uma pequena nota de orelha, na qual o trabalho de Monbeig é reivindicado como título inaugural. As demais informações do empreendimento, seu diretor, seus princípios e objetivos, seriam definidas em um terceiro volume.

## PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DE UMA NOVA BRASILIANA

A *Corpo e Alma do Brasil* foi lançada oficialmente com *Mudanças sociais no Brasil*, de Florestan Fernandes, publicado no ano de 1960. Uma apresentação do projeto é assinada por Fernando Henrique Cardoso, intelectual escolhido para dirigi-la:

“A Difusão Europeia do Livro encarregou-me de orientar as publicações de sua coleção *Corpo e Alma do Brasil*, cujos dois primeiros títulos (*Novos estudos de geografia humana brasileira*, de Pierre Monbeig, e *Brasil, terra de contrastes*, de Roger Bastide) tanto êxito alcançaram. Escolhi para inaugurar o novo período da coleção o volume sobre *Mudanças sociais no Brasil* porque através dele pode-se perceber as características que os editores desejam imprimir a esta coletânea. [...] Pretende-se, pois, acolher nesta coleção trabalhos que traduzam o resultado do esforço de revisão das técnicas de análise e interpretação da realidade brasileira que vem caracterizando o desenvolvimento recente das ciências humanas no Brasil. O antigo espírito de improvisação e verbalismo, que tanto marcou a fase do chamado bacharelismo brasileiro, começa a ser revisto e substituído, pouco a pouco, pela radicação no Brasil

do ponto de vista científico de análise dos problemas do homem, da sociedade e da cultura [...]” (Cardoso, 1960, p. 1).

O sociólogo anuncia o projeto assumindo os títulos que a Difel havia publicado anteriormente. Embora ele afirme um marco de distanciamento para a nova fase que ele inaugurava, é possível percebermos a incorporação das obras como recurso para construir um espaço de autoridade para a coleção. A presença dos professores franceses era fundamental para expressar aspectos da hierarquia universitária dentro do projeto, fato que lhe conferiria também marcadores de identidade internos à instituição.

As cátedras eram símbolos do regime de profissionalização intelectual que Cardoso reivindicava em sua fala e, na USP, sua organização ocorrera através desses mestres estrangeiros que, após alguns anos de dedicação, passavam seu legado aos seus principais assistentes brasileiros. Os primeiros livros da *Corpo e Alma* apresentavam fundamentalmente o histórico da cadeira de Sociologia I estruturada por Bastide e herdada por Florestan Fernandes, autor do volume que oficializa o projeto. Fernando Henrique, por sua vez, era uma das promessas de liderança que despontava entre os assistentes de Florestan. O jovem pesquisador estava concluindo seu doutorado, defendido em 1961, e na direção do empreendimento da Difel se tornava uma espécie de porta-voz de seus mestres.

Sendo assim, a construção editorial reproduzia a realidade do sistema acadêmico e o interesse de seus membros em projetar seus nomes, suas posições e sua produção intelectual para círculos externos à universidade. Estas condições convergem com as

intenções da editora, que não se alinhou à cátedra em questão de modo aleatório. Fernando Henrique já havia trabalhado na Difel ao traduzir *Do espírito das leis*, de Montesquieu, e, ao que tudo indica, Florestan Fernandes era um frequentador da Livraria Francesa e tinha uma relação próxima com Paul Monteil. Além disso, a atividade do catedrático brasileiro se sobressaía no contexto da FFCL-USP: ele foi o responsável por metade das defesas de tese da faculdade entre 1954-1964 (Brito, 2019, p. 218). Ou seja, uma rica fonte de matéria-prima para uma casa que desejasse desenvolver seu catálogo junto à instituição.

Fernando Henrique se coloca como responsável individual pelo projeto, contudo, estabelece seu pertencimento a um grupo e a defesa de princípios coletivos que deverão nortear aquela atividade. Isto posto, fica clara a sua intenção em promover o que seria uma nova forma de compreender o Brasil através da ciência, designação sob a qual ele defende a produção universitária. Do ponto de vista metodológico, determina de pronto sua contraposição com o bacharelismo e a produção ensaística e, mais adiante, avança para uma diferenciação com as demais tendências que reivindicavam o pensamento científico:

“[...] Ciência e pesquisa são palavras que se tem empregado de maneira abusiva entre nós. Parece que com elas se pretende, através de uma espécie de virtude mágica de que estes vocábulos estão impregnados, dar cunho de seriedade e fazer circular entre os setores acadêmicos e o grande público um conjunto de noções informadas por um empirismo grosseiro e revestidas de pretensão à dignidade de um saber definitivo, que toca as raias do misticismo.

[...] Nenhum cientista responsável poderia endossar as aspirações de fazer da ciência uma nova religião leiga que substituísse todas as demais formas de conhecimento e propusesse explicações permanentes para todos os problemas” (Cardoso, 1960, p. 3).

A referência ao caráter doutrinário e empirista de tais elaborações sugere que o sociólogo se dirigia indiretamente à produção oriunda do ambiente intelectual que caracterizamos na introdução ao artigo, aquele fomentado em torno do Iseb e dos partidos progressistas, especialmente do PCB – com os quais ele dialogava (Brito, 2019, p. 212). Uma vez associados às políticas de governo, ou por corroborarem parte delas, estas instituições e seus representantes acabavam por hegemonizar o ideal de um projeto de nação ao qual os uspianos iriam dirigir suas críticas. O lugar ocupado pelo grupo de Cardoso na realidade paulistana definia o tom do discurso inaugural da coleção, porque a universidade garantia as condições profissionais para elaborarem suas intervenções e a possibilidade de imprimirem um sentido de engajamento para seus trabalhos sem cair no que consideravam ser os reducionismos impostos pela interferência de instituições do Estado, partidos etc.

Outrossim, o diretor faz questão de situar o projeto diante de um repertório editorial consagrado por se colocar a serviço do pensamento brasileiro:

“Vê-se, pois, que não se deseja acrescer às brasilianas existentes – que tão marcados serviços têm prestado para a difusão dos conhecimentos sobre o Brasil – uma coletânea similar. Não se tem a intenção de promover a edição ou a reedição de textos



clássicos sobre o Brasil, sejam eles fontes primárias ou trabalhos de interpretação. Nem se pretende, sem excluí-los, publicar apenas autores consagrados. O objetivo expresso dessa coleção será a publicação de estudos sobre o Brasil que reflitam, nas suas cogitações e na técnica de elaboração, as preocupações do espírito científico” (Cardoso, 1960, p. 2).

Com “um pé” na inovação e outro na tradição, Fernando Henrique coloca a Corpo e Alma no rol das brasileiras. A Brasileira, da Companhia Editora Nacional (1931), e a Documentos Brasileiros, da José Olympio (1936), consolidaram um *habitus* (Bourdieu, 1999, p. 31; Sorel, 2016, pp. 11-2) da edição brasileira por estarem identificadas com grupos político-intelectuais que discutiam “projetos de Brasil” em meio aos eventos da Revolução de 1930 (Franzini, 2006; Pontes, 1988; Sora, 2010). Três décadas após o lançamento daquelas precursoras, a Difel e a cátedra de Sociologia I se propunham a rever os critérios de seleção e abordagem deste tipo de empreendimento, compreendendo as mudanças da esfera intelectual e a nova onda de debates políticos sobre o futuro do país.

Cumprir notar que o título do projeto da Difel vinha de um artigo de Sérgio Buarque de Holanda (1933), do qual muitos especialistas consideram terem saído as linhas gerais de seu livro *Raízes do Brasil*. O historiador, que neste momento estava dentro da universidade e também era um parceiro da Difel dirigindo a História Geral da Civilização Brasileira, fora um expoente do ensaísmo, fundando, inclusive, a coleção da José Olympio. Sua referência indireta neste projeto universitário designaria, a nosso

ver, o marco para a diferenciação entre as chamadas “interpretações do Brasil” e os “estudos brasileiros” que então passariam a compor o repertório orientado por Fernando Henrique Cardoso.

Além destas escolhas e do discurso de apresentação, a edição de *Mudanças sociais no Brasil* realiza em si outros marcadores para estabelecer o sentido e os objetivos que os responsáveis pela Corpo e Alma do Brasil desejavam alcançar. A obra foi construída a partir de artigos escritos por Florestan Fernandes entre 1949-1959, passando por temas variados, reunidos em três subeixos temáticos – “I. Aspectos da situação cultural do Brasil”, “II. Aspectos da evolução social de São Paulo” e “III. Aspectos da interação com o índio e com o negro” –, que atribuem um primeiro nível de coesão para aqueles estudos produzidos de modo disperso e definem os temas mais recorrentes em que podemos enquadrar as publicações que a seguiriam. Por fim, estas partes são costuradas em um nível mais geral pelo texto designado para introduzir o livro, “Atitudes e motivações desfavoráveis ao desenvolvimento”.

O artigo era uma transcrição da conferência apresentada por Florestan no Seminário Sobre Resistências à Mudança, organizado pelo Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS), em 1959. A fala se destacou no encontro pelo tom demarcatório com o qual o sociólogo se propôs a apresentar o conceito de desenvolvimento concebido pela cadeira de Sociologia I:

“Os sociólogos progrediram muito pouco no estudo desses problemas [de desenvolvimento], e ainda não dispomos de conhecimentos comprovados sobre a influência dinâmica dos fatores psicossociais nos processos

de desenvolvimento social. No entanto, a importância científica e prática do assunto é tão grande que justifica os riscos de um debate baseado em implicações teóricas e presunções de caráter conjectural. Ainda que não seja recomendável discutir questões de caráter geral, vimo-nos forçados a situar certos problemas ligados à conceituação e ao estudo do desenvolvimento social na sociologia” (Fernandes, 1960).

A edição e o lançamento da *Corpo e Alma do Brasil*, por conseguinte, fixam aquela discussão como a diretriz para as linhas gerais em que o grupo pretendia discutir o seu projeto de nação brasileira. É certo que a coleção não conformará um bloco homogêneo de pensamento, contudo, entre a apresentação de Fernando Henrique, o conteúdo e a construção de *Mudanças sociais no Brasil* vemos se estabelecer uma espécie de manifesto da cátedra uspiana para afirmar, de um lado, a produção universitária e sua concepção de ciência e, de outro, para estabelecer a perspectiva conceitual e os temas que considerava adequados para elaborar diagnósticos e intervir na realidade do país.

## TRABALHOS UNIVERSITÁRIOS PARA EDITAR O BRASIL

O levantamento dos 69 títulos publicados pela *Corpo e Alma do Brasil* entre 1957-1988 pode ser analisado por meio de alguns critérios que ajudam a visualizar como esse “manifesto” fundador sustentou seus critérios de seleção e subsidiou também as necessidades de adaptação que ela sofrera ao longo dos anos.

**TABELA 1**

Corpo e Alma do Brasil -  
Total de obras por disciplinas

Disciplina	Nº de obras
História	29
Sociologia	23
Antropologia	6
Geografia	3
Economia	2
Outras	6

**TABELA 2**

Corpo e Alma do Brasil -  
Total de obras por vínculo institucional

Vínculo institucional	Nº de obras
USP	21
USP em parceria	18
Outros	30

**TABELA 3**

Corpo e Alma do Brasil -  
Total de obras por temas principais

Principais temas	Nº de obras
Política e formação do Estado brasileiro	20
Industrialização e mundo do trabalho	11
Questões étnico-raciais	9

As quatro principais disciplinas que compõem a coleção integravam o núcleo das ciências humanas na FFCL-USP. Nota-se, contudo, o predomínio da história e da sociologia. Esta, que está associada evidentemente à direção de Fernando Henrique e ao grupo que ele representava dentro da faculdade, dominou a *Corpo e Alma* até meados dos anos 1970, quando as obras de história se tornam mais recorrentes. A ultrapassagem

ocorre diante de alguns fatores: o primeiro deles fora a publicação dos livros do historiador Edgard Carone, que, desde 1969, desenvolvia uma série de estudos sobre a história da República, com dez volumes publicados integralmente no projeto da Difel. O conjunto conformou uma verdadeira *republicana* dentro desta brasileira universitária. Em segundo lugar, podemos atribuir essa relação às alterações da conjuntura que acabaram dificultando ou exigindo alterações na atuação coletiva dos sociólogos envolvidos com o projeto, como veremos adiante.

Feitas estas considerações, ao tomarmos a composição de disciplinas de modo conjunto, podemos definir um perfil histórico-sociológico para a Corpo e Alma. Sob esta perspectiva, destaca-se o objetivo colocado por Cardoso de utilizar a coleção para se contrapor à tradição estabelecida pelas chamadas “interpretações do Brasil”. O bacharelismo marcou a produção da historiografia brasileira, especialmente pela produção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e os ensaios que tentaram modernizar essa tradição trouxeram os primeiros incursos do método sociológico para o pensamento nacional. Ora, a afirmação do método científico deveria se fazer justamente em diálogo com essas referências anteriores, as quais marcavam igualmente os empreendimentos editoriais com os quais a Difel iria concorrer. Então, seria natural que história e sociologia se sobressaíssem em relação a outras disciplinas.

Entre 1957-1964, a Corpo e Alma do Brasil é marcada pelo lançamento de teses universitárias. Dentre elas, *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*, de Fernando Henrique Cardoso, e *Metamorfoses do escravo: apogeu e crise da escravatura*

*no Brasil Meridional*, de Octávio Ianni, que se originavam das principais orientações de Florestan Fernandes até aquele momento. Os trabalhos eram desdobramentos do Projeto Unesco (Maio, 1999) que envolveu pesquisadores brasileiros para discutir as formas de inclusão/exclusão da população negra na formação social e econômica do país, com o objetivo de que a compreensão desta realidade miscigenada, supostamente democrática, contribuísse para limar de uma vez por todas as ideologias eugenistas e racistas que sustentaram o nazifascismo.

Outras pesquisas que devem ser destacadas nesta fase são a livre-docência de Egon Schaden, *Aspectos fundamentais da cultura guarani*, e o mestrado de Florestan Fernandes, *Organização social dos Tupinambá*. A primeira foi produzida na área da antropologia, no entanto, dialogava com a referida pesquisa de Florestan e com a utilização do método funcionalista que ainda orientava seus trabalhos na cátedra de Sociologia I. Os debates sobre desenvolvimento passavam pela avaliação da presença, da contribuição e da “integração” das sociedades indígenas nesse processo.

A posição dos uspianos se pautava fundamentalmente no conceito de aculturação que, aos poucos, seria questionado pela ideia de “fricção interétnica” (Oliveira, 1987) desenvolvida nas pesquisas do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Esta polêmica conceitual, produzida no âmbito das pesquisas universitárias, ganha seu espaço na Corpo e Alma do Brasil, pois, além dos trabalhos da Escola Paulista de Sociologia, ela irá publicar *O índio e o mundo dos brancos: a situação dos Tukuna do Alto Solimões*, de Roberto Cardoso de Oliveira, professor do museu e um dos líderes do projeto que iria conso-



lidar a perspectiva “interétnica”, oposta à dos uspianos. O debate surgia de um novo contexto institucional, mas é preciso lembrar que Oliveira teve sua tese de doutorado orientada por Florestan Fernandes. Assim, a coleção incorpora divergências alimentadas pelo espírito científico, em um campo de relações externas que lhe eram familiares.

De modo geral, nestes primeiros anos, pode-se afirmar que a Corpo e Alma constrói seu perfil alinhada com as discussões sobre a formação e o desenvolvimento do Brasil, editando trabalhos pioneiros no tema das relações raciais. A questão era sensível para a compreensão das desigualdades que assolavam o país. Cumpre notar ainda que o projeto é lançado no auge das manifestações em defesa das Reformas de Base que respondiam a estas injustiças, fato que dá relevância à coleção enquanto plataforma para o diálogo das teses universitárias com os posicionamentos políticos que alimentavam a ação direta mobilizada por organizações sociais, movimentos, partidos progressistas e de esquerda. Desta maneira, ao lado da produção de outras instituições que citamos, vemos a edição de livros contribuir para engrossar o coro das mobilizações nacionais.

Não avançaremos aqui sobre o desenvolvimento da coleção a partir de 1964. No entanto, cumpre notar que o caráter universitário e crítico que se define nesse momento persistirá como base para a seleção de novas publicações, mesmo quando estas passam a lidar com a onda reacionária que se instala no país após o Golpe Militar. Na verdade, o impacto desta conjuntura terá reflexos no projeto na medida em que ela intervém na organização da cátedra de Sociologia I, na atuação de Fernando Henrique no Brasil e nas condições gerais para

a produção de conhecimento nas demais universidades brasileiras.

## **PROJETOS EDITORIAIS, UNIVERSIDADE E PENSAMENTO BRASILEIRO**

Diante de uma realidade político-intelectual em que diversas instituições e grupos se dedicavam a (re)descobrir o Brasil, as transformações de São Paulo nos anos 1950 engendraram condições de incentivo ao crescimento da economia do livro e, especialmente, de aproximação entre o seu setor produtivo e os grupos que desejavam protagonizar a construção de uma esfera cultural identificada com a metrópole. Desde sua criação, a USP representou um elemento modernizador para as elites locais (Cardoso, 1982) e, ainda que seus principais expoentes viessem a se distinguir social e politicamente de seus princípios fundadores (Miceli, 2001, p. 105), ela será fruto de um espaço pensado para que a intelectualidade paulistana pudesse conformar uma comunidade de autores e agentes dispostos a pensar e intervir na realidade do país.

A Difel surge embalada por este espírito de ação, e a Corpo e Alma do Brasil será uma estratégia com a qual alguns dos universitários uspianos buscaram expressar seus posicionamentos publicamente. Dentro dela, a apresentação de Fernando Henrique Cardoso será o primeiro recurso para definir a imagem do grupo reunido em torno da cátedra de Sociologia I, afirmando seus princípios científicos diante da produção que embasava as discussões do desenvolvimento. Em paralelo aos argumentos conceituais, ele define a intervenção do projeto na referência representada pelo modelo edi-

torial das brasileiras e demarca editorialmente as diferenciações com setores com os quais debatia para que o projeto pudesse se inserir e renovar um *habitus* deste mercado que consagrava autores e editoras nacionais. Por fim, a seleção de pesquisas e autores desta primeira fase (1957-1964) organizou um repertório de estudos voltados à discussão de um dos principais temas presentes em nossa tradição intelectual e que integravam a pauta desenvolvimentista: a formação social brasileira sob a perspectiva da raça e suas consequências para a construção de uma sociedade moderna.

Desta maneira, a Corpo e Alma acompanhou a produção do grupo de intelectuais paulistas e a trajetória de seu diretor como uma liderança universitária. O peso de intervenção que os estudos sociológicos adquiriam naquele contexto contava com iniciativas como esta para garantir a circulação e a legitimidade da disciplina no debate público. A ação da Difel constituiu, portanto, um caminho pelo qual o mercado editorial se estabelecia como um aliado necessário para que a produção da universidade se tornasse parte de um universo legítimo e fundamental para se conhecer o Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, M. A. do N. *Metrópole e cultura: São Paulo no meio do século XX*. São Paulo, Edusp, 2015.
- BIELSHOWSKY, R. *Pensamento econômico brasileiro 1930-1964: o ciclo ideológico do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2004.
- BOURDIEU, P. "Campo del poder, campo intelectual y habitus de classe", in *Intelectuales, política e poder*. Buenos Aires, Editora Universitária de Buenos Aires, 2009, pp. 23-43.
- BUFREM, L. S. *Editoras universitárias no Brasil*. São Paulo, Edusp, 2000.
- BRITO, L. O. B. de. *Marxismo como crítica da ideologia: um estudo sobre o pensamento de Fernando Henrique Cardoso e Roberto Schwartz*. Tese de doutorado. São paulo, Universidade de São Paulo, 2019.
- CARDOSO, F. H. "Apresentação", in F. Fernandes. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1960, pp. 1-12.

- CARDOSO, F. H. Entrevista concedida à pesquisadora, 12 de fev. de 2019.
- CARDOSO, I. *A universidade da comunhão paulista: o projeto de criação da Universidade de São Paulo*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982.
- DEAECTO, M. M.; MARTINS FILHO, P. (orgs.). *Livros e universidades*. São Paulo, Com-Arte, 2017.
- FRANZINI, F. *À sombra das palmeiras: a Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959)*. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2006.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. 2ª ed. Cotia, Ateliê Editorial, 2018.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a formação da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo, Edusp, 2012.
- HOLANDA, S. B. de. "Corpo e alma do Brasil: ensaio de interpretação sociológica". *Revista Espelho*, ano I, n. 1, pp. 14-6 e 52, mar. 1933.
- MAIO, M. C. "O Projeto Unesco e a Agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, out./1999, pp. 141-58.
- ISTO É São Paulo! 96 flagrantes da Capital Bandeirante*. 2ª ed. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1952.
- MICELI, S. "Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais", in *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo, Sumaré, 2001, pp. 91-137.
- MORSE, R. "As cidades 'periféricas' como nas culturais: Rússia, Áustria, América Latina". *Estudos Históricos*, v. 8, n. 16. Rio de Janeiro, 1995, pp. 205-25.
- MORSE, R. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1970.
- OLIVEIRA, J. P. de. "Fricção interétnica", in Fundação Getúlio Vargas. *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1987.
- PEIXOTO, F. A. & GORELIK, A. (orgs.). *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. São Paulo, Sesc, 2019.
- PONTES, H. *Destinos mistos: o Grupo Clima no sistema cultural paulista (1940-1968)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- PONTES, H. "Retratos do Brasil: um estudo dos editores, das editoras e das coleções brasileiras, nas décadas de 1930, 40 e 50". *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, v. 26, pp. 56-89, 1988.
- RICUPERO, B. *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo, Fapesp/DcP-USP/Editora 34, 2000.
- SODRÉ, N. W. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- SORA, G. *Brasileiras: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2010.
- SOREL, P. *Plon: Le sens de l'histoire (1833-1962)*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2016.
- TOLEDO, C. N. *Iseb: fábrica de ideologias*. São Paulo, Ática, 1977.